O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA: SUA IMPORTÂNCIA E CONCEPÇÕES DE PROFESSORES

DÉBORA EVANGELISTA DE SOUZA

Resumo:

Este artigo insere-se na linha de pesquisa Tecnologias de Informação, Comunicação e Educação e tem como objetivo geral analisar as concepções de professores sobre o uso do jornal em sala de aula, tratando-o como meio de ensino e aprendizado. Ao mesmo tempo, pretende caracterizar as práticas docentes direcionadas para o ensino e aprendizado da leitura e escrita em escolas públicas municipais das séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano). A metodologia adotada para a realização desta pesquisa é de caráter qualitativo, com delineamento descritivo-explicativo. A partir da análise, podemos dizer que o uso do jornal é pouco praticado pelos professores da rede de ensino, embora eles reconheçam que seu uso pode contribuir para a formação de alunos críticos e para dinamizar práticas que envolvem o ensino e o aprendizado de leitura e escrita, porque permite a diversificação de textos e torna as aulas mais participativas e significativas.

Palavras-chave: Formação de professores; Uso do jornal em sala de aula; Prática docente de leitura e escrita.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa as concepções dos professores sobre o uso do jornal em sala de aula. Investiga também a relevância atribuída a esse instrumento como meio de ensino e aprendizagem de leitura e escrita em escolas públicas municipais do ensino fundamental (1ª ao 5ª ano.).

O cenário educacional brasileiro, em razão de avaliações nacionais, como o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), que avalia o sistema de ensino paulista para monitorar as políticas públicas da educação e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), também conhecida como Prova Brasil, que permite acompanhar a evolução da qualidade da educação, demonstra o empenho do incentivo à leitura dos textos, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Língua Portuguesa para o Ensino

Fundamental (1997), os quais preconizam "à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los" (p.30).

Tal orientação deve-se também à propagação que os meios de comunicação, as mídias e as tecnologias de informação e comunicação atingiram após a revolução industrial e mais fortemente na década de 1990 com a chamada revolução informacional.

Em consequência, o fácil acesso à informação, que pode gerar conhecimento, deixa de ser exclusividade da escola e passa a dividir espaços com as informações propagadas pelos mais diversos meios de comunicação.

Dessa forma, como relatou Freire (1987 e 1997), é preciso ler o mundo para ler os textos em um caminho de descompasso entre um cenário enciclopédico e livresco de educação, em contraponto ao universo tecnológico e midiático com possibilidade de inúmeras fontes de informações.

Atualmente, temos fácil acesso para lermos o mundo na tela do computador, na tela da televisão ou nas páginas de jornal, revista ou outdoors. Nesse contexto em que as informações circulam livremente, o cidadão que não teve uma formação crítica sobre o que os meios de comunicação divulgam pode correr o risco de sofrer o poder manipulatório do que foi dito ou escrito como verdade, ou seja, o que foi muitas vezes editado pelas mídias.

Nesse cenário de mudanças na forma como as informações são transmitidas, segundo Belloni (1998), cabe à escola não só assegurar a democratização do acesso aos meios de comunicação, mas ir além, preparando as novas gerações para a apropriação ativa e crítica dessas mídias.

Assim, no Brasil, são evidentes os esforços de pesquisadores, estudiosos, jornalistas e educadores para desenvolver trabalhos no campo do estímulo crítico à leitura e à escrita por meio de jornais. Várias são as iniciativas, citemos: Ferreira (2007), Ijuim (2005), Pastorello (2005), Faria (1999 e 2004), entre outros.

A Associação Nacional de Jornais (ANJ), por exemplo, estimula as empresas jornalísticas associadas a implantar programas voltados para o uso do jornal impresso em sala de aula, incentivando assim, a leitura das informações jornalísticas no contexto escolar.

Em 2008, as escolas de Rede Pública Estadual de São Paulo receberam o Jornal do Aluno, elaborado pela Secretaria de Estado da Educação.

O objetivo do projeto foi tentar desenvolver as habilidades dos alunos tanto para a leitura e escrita quanto para o cálculo. O jornal faz parte da nova proposta pedagógica estadual em implementação.

Porém, é importante destacar que o

uso do jornal funcionou apenas como instrumento de escolha de uma linguagem, a jornalística, para difundir os conteúdos escolares e não o trabalho específico com ela.

Não se pode negar que, de qualquer maneira, o jornal em sala de aula pode ser entendido como uma legitimação de um meio de comunicação como fonte de informação escolar e de trabalho específico com o texto.

DESENVOLVIMENTO

2.1 Sociedade em constante transformação

Vivemos numa sociedade em constante transformação, tanto no âmbito do uso tecnológico, quanto no informacional, caracterizada por mudanças de diferentes modelos e pelo uso das mais variadas fontes de informação e comunicação.

Tais transformações implicam alterações na maneira de pensar e atuar na sociedade emergente que, por sua vez, provocaram significativas alterações no modo de vida de seus componentes, ainda que em ritmos distintos para cada segmento dessa população.

Nesse contexto de mudanças, os jornais também acompanharam e se adaptaram às transformações ocorridas na sociedade emergente. Com o advento da Internet, que se expandiu e se consolidou entre a classe média, da qual também fazem parte consumidores e leitores dos jornais impressos.

Com a criação dos jornais virtuais, surgiram novos hábitos de leituras chamadas virtuais.

Em consequência, os ávidos leitores passaram também a ler as informações dos jornais da Internet (denominados jornais on-line, digital, eletrônico ou virtual) que se adaptaram e passaram de meras reproduções diárias para fornecedora de conteúdos digitalizados, com informações divulgadas em tempo real dos acontecimentos.

Alguns jornais digitais oferecem a publicação do seu noticiário nos telefones celulares habilitados, quando as notícias são enviadas por mensagem de texto (SMS) para seus leitores.

Com toda essa evolução informacional, o uso do jornal da Internet em sala de aula pode indicar um novo direcionamento nas práticas que envolvem leitura e escrita por meio da manipulação das informações jornalísticas na escola.

Permite, para os educandos, a chance de acesso ao recurso jornal virtual, como um estímulo a mais ao prazer de ler, cujas informações contidas em tempo real dos fatos podem ser transformadas em conhecimento, por se vincularem à realidade social dos acontecimentos.

Mas, diante de todos os benefícios citados, atualmente muitas escolas não oferecem o uso da Internet, o que dificulta seu acesso. Cabe ressaltarmos que até mesmo os jornais impressos por circularem muito antes dos jornais digitais em nossa sociedade, pouco são utilizados em sala de aula por falta de formação inicial ou continuada dos educadores ou por falta de recurso, já que muitas escolas não possuem assinaturas periódicas dificultando seu acesso aos professores e alunos para desenvolverem um trabalho voltado para as informações jornalísticas. Concordamos com Pastorello (2005), quando afirma que o jornal impresso, como referência de trabalho pedagógico, ainda é pouco explorado pelos professores que lidam diariamente com alunos em fase de aprimoramento de aquisição da leitura e escrita. E, os jornais da Internet ainda não dominam um uso efetivo na educação por falta de recurso como computadores.

Assim, Libâneo (2003) propõe que é preciso destacar as implicações que a revolução informacional está gerando, em decorrência do avanço das telecomunicações e da criação de novas tecnologias de informação. Nesse novo contexto, as distâncias encurtam-se e o tempo reduz-se.

Em razão da multiplicação dos meios, dos modos com que são propagadas ou acessadas, as informações, as mídias funcionam como veículo de mediação e de tradução da realidade social. Nesse sentido, elas contam o que acontece no mundo, embora a realidade possa ser percebida de forma virtual.

A escola não pode ficar a reboque de todas essas evoluções surgidas em razão das novas necessidades da sociedade emergente. Portanto, entre os muitos setores em que ocorreram mudanças, há dois nos quais os processos de transformação afetaram diretamente a sociedade, citemos: o modo de produção e as tecnologias de informação e comunicação (TIC).

“O professor que pensa certa deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se faz velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã”. (Paulo Freire, 1996).

2.2 As Mídias e a possibilidade de um ensino crítico

Conforme Seligman (2008), ao se tornarem educados para ler a mídia, os seres humanos podem reverter o processo de ma-

nipulação da sociedade por meio dos meios de comunicação. Ao invés de se tornarem "reféns" das mensagens midiáticas, a leitura crítica oferece-lhes condições de tomar decisões de forma livre e autônoma. O termo "mídia" será entendido nesta pesquisa, segundo T. Silva (2005) como: "conjunto de veículos e linguagens para a realização da comunicação humana para o cumprimento de diferentes interesses e propósitos" (p.33). A grafia predominantemente, segundo Santaella (2003), é no plural "as mídias" e será empregada quer no sentido estrito de jornalismo impresso ou digital, quer no sentido de meios noticiosos e informativos em geral, incluindo o rádio, televisão e Internet.

Como apontam os estudos de Guareschi & Biz (2005), Ghilardi & Barzotto (2002) e Santaella (2003), a educação para a mídia resulta de uma leitura crítica, quer seja, da mídia visual, da impressa ou da eletrônica. Nessa direção, Belloni (2001), uma das precursoras a defender um ensino crítico das mídias na educação, analisa que é a escola que tem condições teóricas e práticas para executar um trabalho significativo voltado para o uso crítico das informações jornalísticas. Afinal, a escola é responsável pela elaboração do ensino/aprendizagem e pela coerência da informação nela transmitida, detendo as condições das práticas educativas voltadas para a criticidade das novas gerações.

Dessa maneira, a integração da educação para o uso de jornais impressos e digitais pode se realizar em dois níveis: como instrumento pedagógico fornecendo apoio para a melhoria da qualidade de ensino e como objeto de estudo, dinamizando condições para o entendimento crítico dessa linguagem presente em nossa sociedade, cada vez mais influenciada por esses meios.

Portanto, cabe aos professores formar seus alunos para o uso crítico e ativo dos meios de comunicação, pois eles são constantemente bombardeados com inúmeras informações oriundas das mídias.

As informações jornalísticas em sala de aula podem contemplar o desenvolvimento acadêmico pela informação e tem como foco originar uma leitura crítica, assim como, esclarecer ao educando a realidade dos problemas sociais e, ao mesmo tempo, propiciar o desenvolvimento do raciocínio, o aumento da capacidade de questionamentos e abrangência do conteúdo escolar e cultural.

Desse modo, Caldas (2002) defende que ao decodificar, interpretar e encontrar sentido no que foi escrito e divulgado nos meios de comunicação, os alunos compreendem que as relações com os meios não se dão de maneira unívoca e que quem controla os meios de comunicação tem o domínio de seus efeitos, daí a importância de múltiplas visões para a formação das opiniões.

O aluno só conseguirá converter as inúmeras informações jornalísticas impressas ou digitais em conhecimento com muita reflexão. Essa operação mental não se dá automaticamente pela repetição mecânica da informação apreendida, mas pela informação discutida e contextualizada.

É a possibilidade de se transformar a sala de aula em produção do conhecimento, o aluno mero receptor em um aluno crítico e criativo. Estudiosos como Belloni (2001 e 2002), Citelli (2006) e Martín-Barbero (1999) vêm tentando compreender como e o que se aprende por intermédio das mídias e como incluí-las como ferramenta pedagógica na educação, para a melhoria da qualidade do ensino na escola pública, contribuindo para a formação de alunos críticos e inclusão de todos na sociedade do conhecimento.

Acreditam Di Giorgi, Leite & Ferrari (2005) que uma escola preocupada em realizar uma verdadeira inclusão social deve educar a todos com qualidade, propiciando-lhes uma consciência cidadã, que assegure as condições de enfrentamento aos desafios do mundo contemporâneo, o que inclui o acesso a inúmeras informações dos meios de comunicação com um ensino voltado para a criticidade do aluno.

Temos, portanto, além de uma nova clientela, a necessidade de assumirmos novas características organizacionais e pedagógicas frente às atuais demandas oriundas do processo de desenvolvimento econômico, científico e tecnológico. No contexto de uso das mídias, a escola não pode ignorar todas as informações propagadas pelos meios de comunicação. Martín-Barbero (1999) acredita que a escola deve abrir-se para as novas linguagens, visto que os alunos chegam à escola com novos modos de ler.

O problema básico da escola é abrir-se para as novas linguagens de forma crítica. Não de forma instrumentada, mecânica ou modernizante. A idéia é abrir-se com temas que interessam à juventude.

Não se pode tangenciar a questão de que a escola está perdendo importância na medida em que é incapaz de interagir com o horizonte cultural dos jovens. Ou seja, a escola vai continuar a ser necessária na medida em que for ao encontro desses novos modos de ler, de escrever.

Assim sendo, as mídias podem ser utilizadas como recurso pedagógico a favor da educação, na direção de motivar a formação de alunos críticos, facilitando um ensino de melhor qualidade.

2.3 Mídias e Educação

Diversas são as propostas para sistematizar um ensino crítico do uso das mídias na escola, porém suas mensagens implicam a formação de milhares de pessoas no mun-

do.

Assim, não podemos ignorar que as mensagens difundidas pela mídia exercem influências na formação de nossos alunos, principalmente os das séries iniciais. Eles, entretanto, não são passivos; pois convivem com a mídia a partir de suas crenças, sua realidade e seus valores, produzindo novas formas de compreender o mundo, como vêm sendo demonstrados por autores como MartinBarbero (1999) Thompson (1998), Guareschi & Biz (2005) entre outros. O aluno, como outra criança, não é um ser passivo diante das mensagens apelativas de consumo, de sexualidade ou de manipulação política.

Cabe à escola formar seus alunos para uma leitura crítica das mídias. Contudo, T. Silva (2005) analisa que os conceitos de alfabetização e de letramento midiático abarcam as várias mídias.

Uma política bem informada de alfabetização-letramento deve levar em consideração as potencialidades de todas as mídias, inclusive as digitais existentes em nossa sociedade.

Uma preocupação com os destinos e a qualidade da educação precisa ser estendida à compreensão e ao manejo da mídia indistintamente, sob o risco de, com a superação ou o apagamento de um ou outro recurso ou tecnologia no âmbito do trabalho pedagógico, levarmos adiante uma educação fora do seu tempo. Além, é claro, de não aproveitarmos as características dos diferentes veículos e linguagens para a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem.

A escola e os professores devem selecionar criticamente os meios comunicacionais conforme a natureza do objeto ou conteúdo a ser ensinado, sabendo justificar os porquês dessa seleção.

O letramento midiático inclui, portanto, a capacidade que temos de nos instruir por meio da leitura e de selecionar, entre muitas informações, aquela que mais nos interessa. As mensagens divulgadas pelas mídias também representam uma necessidade a ser interpretada, pois os meios de comunicação também fazem parte da vida de uma pessoa letrada.

Outro autor que defende a ideia de que a instituição escolar já não é considerada o único meio de socialização dos conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades cognitivas e de competências necessárias na vida prática é Libâneo (2003).

Segundo o estudioso, a tensão em que a escola se encontra, no entanto, não significa seu fim como instituição social educativa. Indica, isso sim, o início de um processo de reestruturação dos sistemas educativos e da instituição de como a conhecemos.

Portanto, a escola carece não apenas conviver com as modalidades de educação como a informal, a formal e a profissional, mas também integrar-se a elas, a fim de formar cidadãos mais críticos, participativos e qualificados para um novo tempo. As práticas educativas que utilizam jornais por ser uma mídia e uma tecnologia, podem contribuir para essa criticidade de ensino.

3. CONCLUSÃO

Para concluirmos este artigo, faz-se necessário retornarmos aos objetivos iniciais da pesquisa para verificar se conseguimos responder aos questionamentos propostos. Acreditamos que tanto respondemos às indagações, como trouxemos contribuições teórico-metodológicas que poderão subsidiar novas investigações que tenham a temática do uso do jornal em sala de aula como meio de ensino e aprendizagem.

Respondendo ao primeiro objetivo específico, explorar e analisar as concepções dos professores sobre o uso do jornal em sala de aula como meio de ensino-aprendizagem, o conjunto dos dados coletados indica que o posicionamento dos professores com relação ao uso dos jornais é favorável, demonstrando uma concepção positiva sobre o uso das informações jornalísticas em sala de aula.

Mas um aspecto importante trazido pela pesquisa é que são poucos professores que têm nas leituras de jornais uma prática social como bagagem cultural e uma formação voltada para o uso crítico das mídias na educação, o que pode indicar que seu uso ainda é pequeno em sala de aula.

O levantamento das concepções dos professores com relação ao uso de jornais em sala de aula indica uma forte crença de que os jornais impressos e digitais podem ser utilizados como recurso didático, por poder contribuir como fonte de informação que pode gerar conhecimentos com fácil acesso e manuseio, como fonte de conteúdo escolares que pode contribuir para o enriquecimento dos conteúdos a serem ensinados, por permitir a relação do conteúdo escolar com a realidade na qual o aluno está inserido, com temas atuais que permitem uma análise crítica e discussões relevantes para uma leitura crítica e autônoma e não a conformação, como analisado por Freire (1987 e 1997).

Enfim, auxiliar, aprofundar e ampliar o processo de ensino e aprendizado da escrita dos alunos. A presença funcional do jornal em sala de aula agrupa, portanto, limitações de natureza diversa. Elas localizam-se no professor em razões, tanto emocionais, como intelectuais. Também são de natureza externa a ele, já que envolvem obrigações da administração pública, nem sempre atenta, comprometida e eficiente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. O leitor competente à luz da teoria da literatura. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 124, p. 23-31, jan./Mar, 1996.

ALMEIDA, M. E. B. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: Integração das Tecnologias na Educação. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância Esplanada dos Ministérios, Bloco L - Brasília/DF. 2005. (p.39-45).

BACCEGA, M. A. A formação de leitores na sociedade midiática: novas tecnologias, novas sensibilidades. 2006. Disponível em: www.alb.com.br/anaisjornal/leitura/textos/001 baccega. htm. Acessado em 20/07/2019. (p.1-12)

BALTAR, M. A. R. A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Instituto de Letras, 2003.

BARDIN, L. Análise do discurso. Lisboa: Edições 70, 2007.

BARROS C. M. P Gêneros jornalísticos como objeto de ensino. 2002. Disponível em http: //www.alb.com.br/anaisjornal/jornal1/comunicacoes/os_g% C3%AAnerosjornal%C3% Adsticos.htm. Acessado em 18/07/2019.

BELLONI, M. L. Tecnologia e formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna? Educação e Sociedade, v.19, n.15, dez. 1998. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci=-artex&pidso101-73301998000400005. Acessado em 19/07/2019.

_____. A formação na sociedade do espetáculo. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. O que é mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2001.

BORELLI, M. A. O jornal e a escola. 2002. programas e projetos. Disponível em: http://www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/MesasRedondas/AparecidaBorelli.htm. Acessado em: 15/07/2019.

BORTONE, M. E; MARTINS C.R.B. A construção da leitura e da escrita do 6º ao 9º ano do ensino fundamental-São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da educação e Cultura. Rede Nacional de formação continuada de professores. 2008. Disponível em:

HTTP://mec.gov.br/seb/index2.php?option=com_ contem&task=view&id=203&pop=. Acessado em 20/07/2019.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, 1996.

Disponível em: http://www.rebidia.org.br/direduc.html. Acessado em 21/07/2019.

FANTIN, M. Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.

Florianópolis: Cidade Futura, 2006 (p.25-100).

FERREIRA; A. P. Leitura de jornais em famílias de estudantes de escola pública de Ensino Fundamental. Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP Marília, (Dissertação de Mestrado). Marília 2007.

FILMUS, D. Breves reflexões sobre a escola do futuro e apresentação da experiência "aulas na rede" da cidade de Buenos Aires. In: TEDESCO, J. C. (org.). Educação e novas tecnologias; esperanças e incerteza? São Paulo: Cortez, 2004. (p.123-135)

FRANCO, M. L. P. B. Análise de conteúdo- Brasília, 2 edições: líber Livro Editora, 2007.

FREIRE; P. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. [online], v. 14, n. 2, p. 03-11,

2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010283920000 00200002 &lng=pt&nrm=iso acessado em 20/07/2019.

GATTI, B. A. A construção da pesquisa em educação no Brasil. Brasília: Líber livro, 2007.

GHILARDI, M. I. Mídia, educação e leitura. IN: BAZOTTO, V. H.; GHILARDI M. I. (org.) Mídia, poder, educação e leitura. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (103-112)